

III CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
18 de Setembro de 2013

UMA LÓGICA DE IMPLICAÇÃO E PROMISCUIDADE: O INCONSCIENTE NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Richard Theisen Simanke (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora)

e-mail: richardsimanke@uol.com.br

Palavras-chave: psicanálise; Freud; fenomenologia; Merleau-Ponty; inconsciente.

A evolução da atitude de Merleau-Ponty sobre o inconsciente pode ser descrita como um processo de auto-superação de uma atitude inicial de inspiração politzeriana. Ela se caracteriza por uma aceitação mais integral da psicanálise (ainda que sempre crítica e ponderada) que acompanha tanto a evolução de sua própria filosofia (e é permitida por esta) quanto a evolução de sua compreensão do pensamento de Freud. Ao longo dessa evolução, ele formula diversas figuras do que poderia ser uma acepção aceitável da ideia de inconsciente, opondo-as ao que poderia ser a visão freudiana, tal como ele a entende em cada um desses momentos. Essas oposições destinam-se, então, a afastar aspectos da concepção freudiana que ele considera insustentáveis, mas a própria sucessão dessas críticas revela que elas são progressivamente revisadas, de tal maneira que a evolução de sua crítica do inconsciente aparece como uma espécie de autocrítica de suas posições anteriores. Sintetizando-as, temos:

1) *O inconsciente como estruturação fracassada X O inconsciente como causalidade mecânica.* Essa é a oposição inicial, presente em *A estrutura do comportamento*, onde, ao mesmo tempo em que critica a psicanálise por fornecer uma visão patológica da existência humana, Merleau-Ponty pergunta-se se os fenômenos e processos descritos por Freud (complexos, regressão, repressão, resistência, transferência, sublimação, etc.) “exigem verdadeiramente o sistema de noções causais pelo qual ele os interpreta” (Merleau-Ponty, 1942/1972, p. 192). Para ele, os fenômenos que parecem exigir o conceito de inconsciente como um sistema interno de relações causais na verdade “manifestam apenas o retorno a uma maneira mais primitiva de

III CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
18 de Setembro de 2013

organizar a conduta, um flexionamento das estruturas mais complexas e um recuo rumo às mais fáceis” (*Ibid.*, p. 194). Ora, esse retorno é exatamente o que Freud entende por regressão. Nas notas de cursos dos anos 1954-1955, Merleau-Ponty apresenta uma análise bem mais aprofundada desse conceito, reconhecendo não só os seus aspectos temporais, mas também os aspectos formais e topográficos que completam a sua formulação.

2) *O inconsciente como ambivalência da consciência X O inconsciente como representações latentes.* Ainda em *A estrutura do comportamento* e, também, na *Fenomenologia da percepção* e em outros textos posteriores, o inconsciente aparece redefinido como a ambivalência ou ambiguidade da consciência e é oposto à ideia de um conjunto de representações inconscientes, concebidas como objetos mentais e enterradas numa espécie de submundo inacessível da alma: “A pretendida inconsciência do complexo se reduz, portanto, à ambivalência da consciência imediata” (Merleau-Ponty, 1942/1972, p. 194). Na *Fenomenologia da percepção*, entre tantas outras passagens, encontramos: “outro [erro] é o de desdobrar este conteúdo manifesto de um conteúdo latente, feito ele também de representações, como o fazem as psicologias do inconsciente” (Merleau-Ponty, 1945, p. 196). Ou ainda: “Freud [com seu conceito de inconsciente] está aqui a ponto de descobrir o que outros melhor nomearam de percepção ambígua” (Merleau-Ponty, 1960, p. 291). Essa noção de ambivalência da consciência perceptiva não deixa de ser uma noção próxima da definição sartreana do inconsciente como má-fé: Merleau-Ponty o apresenta, na *Fenomenologia da percepção*, como uma forma de ‘hipocrisia metafísica’. Contudo, no curso sobre *O problema da passividade*, ele se afasta deliberadamente dessa interpretação de Sartre e vai insistir reiteradamente em outra objeção que tem que ser analisada com maior cuidado.

3) *O inconsciente como impercepção X O inconsciente como ‘segundo Cogito’.* A crítica do inconsciente como um “segundo Cogito” é o ponto central da argumentação de Merleau-Ponty no curso de sobre *O problema da passividade* (1954-55). Ela aparece formulada desde resumo do curso: “Recrimina-se, com razão, a Freud por ter introduzido, sob o nome de inconsciente, um segundo sujeito pensante (...)” (Merleau-Ponty, 1968, p. 69). Quando passamos do resumo para as *Notes de cours*, vemos essa crítica retomada a todo instante, a cada passo. Todo o problema, contudo, parece derivar

III CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
18 de Setembro de 2013

da atribuição ao inconsciente de uma subjetividade pensante distinta daquela em torno da qual gravita a consciência. Mas a ideia de um sujeito do inconsciente é totalmente estranha a Freud. Ela provém mais da interpretação francesa de Freud – a lacaniana, sobretudo – com a qual Merleau-Ponty parece estar efetivamente debatendo quando se dirige a Freud. O inconsciente freudiano, contudo, é contínuo com a experiência consciente: ele abrange os processos que se erguem desde o corpo através do id até emergirem sob a forma do ego, ainda inconsciente, que, após um desenvolvimento suplementar (instauração do processo secundário, surgimento da linguagem), reunirá as condições para se auto-apreender como sujeito e para instaurar-se como sujeito da percepção e da ação. Mas não há dois “egos” para Freud: a forma pessoal dos processos mentais que ego representa é contínua com o corpo (ele é um *Körper-Ich*, diz Freud), com os instintos e o inconsciente como um todo. Essa forma pessoal dos processos egóicos só pode surgir porque ela já está antecipada no corpo e no instinto – estruturas de processos adaptativos, intencionais, adequados a fins. Removido esse mal-entendido as formulações finais de Merleau-Ponty sobre o inconsciente começam a parecer surpreendentemente próximas das freudianas: “(...) o inconsciente é consciência perceptiva, procedendo como ela por uma lógica de implicação ou de promiscuidade, seguindo passo a passo um caminho onde não há mais rendição total, visando os objetos e os seres através do negativo que ele detém, o que é suficiente para que ele ordene seu passo sem se colocar em condições de nomeá-los ‘por seu nome’” (Merleau-Ponty, 1968, p. 70-1). Essa ‘lógica de implicação e promiscuidade’ é uma excelente fórmula para descrever as propriedades do processo primário freudiano, aquele que, como acabamos de ver, ‘visa os objetos e os seres’ sem ser capaz de ‘nomeá-los por seu nome’. Esse inconsciente é um inconsciente originário, não o duplo misterioso da consciência, uma segunda consciência paradoxalmente ausente de si mesma (que poderia ser, no máximo, o inconsciente secundário da repressão e da resistência). Esse inconsciente originário é um inconsciente carnal ou, nas palavras de Freud, instintual: “A dupla fórmula do inconsciente (‘eu não sabia’ e ‘eu sempre soube’) corresponde aos dois aspectos da carne, aos seus poderes poéticos e oníricos. (...) O inconsciente do recalque será, portanto uma formação secundária, contemporânea da formação de um sistema percepção-consciência e o inconsciente primordial será o deixar-ser, o sim

III CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
18 de Setembro de 2013

inicial, a indivisão do sentir” (*Ibid*, p. 179). O inconsciente reprimido foi o primeiro a ser abordado por Freud devido à sua relevância para a explicação e o tratamento das neuroses – o problema inaugural da psicanálise freudiana. Até hoje, é o aspecto dos processos inconscientes que recebe mais atenção dos psicanalistas, igualmente devido à sua importância para a clínica. Mas isso não deve obscurecer o fato de que Freud nunca identificou o inconsciente ao reprimido e desde muito cedo trabalhou com a hipótese de que a inconsciência é a condição originária da vida mental e que condições suplementares (entre as quais o vínculo com a percepção e o surgimento da linguagem) têm que ser cumpridas para que a consciência possa surgir.

Enfim, o ponto de chegada desse percurso – para Merleau-Ponty e para Freud – pode ser expresso pela fórmula « *inconsciente como profundidade da consciência* » como oposta à ideia do « *inconsciente como o duplo sinistro (Doppelgänger) da consciência* » (Merleau-Ponty menciona as próprias palavras de Freud sobre o risco do inconsciente, concebido dessa maneira, ser uma espécie de ‘demonologia’). O conceito de profundidade, no último Merleau-Ponty confere uma significação ontológica para sua análise fenomenológica do espaço apresentada na *Fenomenologia da percepção*, que, por sua vez, nos ajuda a compreender o sentido da espacialidade psíquica proposta por Freud. Esse desenvolvimento interno do pensamento do filósofo parece aproximá-lo ainda mais do criador da psicanálise, na medida em que permite que a espacialidade psíquica surja como o espaço primordial do ser bruto, corporal, instintual, enfatizada cada vez mais nas últimas tópicas freudianas. Essa concepção do inconsciente como profundidade da consciência ou do mental – e não como teoria de uma segunda mente mitológica – pode ser defendida a partir da maneira como Freud formula e opera com seus conceitos, mas às vezes expressa-se claramente, em termos quase merleau-pontyanos, como se procurará evidenciar.

Referências

- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signes*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1968). *Résumé de Cours du Collège de France (1952- 1960)*. Paris: Gallimard.

III CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA
PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
18 de Setembro de 2013

Merleau-Ponty, M. (1972). *La structure du comportement*. Paris: Presses Universitaires de France. (Obra original publicada em 1942)